

MACHADO, Maria Ângela De Ambrosis Pinheiro; professora adjunta; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves de; FERREIRA, Alexandre Donizzeti. **Histórias de dançar, contar e... palhaço conta história?** Goiânia:Universidade Federal de Goiás. Universidade Federal de Goiás; Professora adjunta do curso de teatro; Professora adjunta do curso de dança; Professor adjunto do curso de dança.

RESUMO

Este artigo visa apresentar o resultado da pesquisa realizada pelos autores relativa ao levantamento de histórias de Goiás e os processos criativos gerados por esta pesquisa. Se por um lado, o objetivo da pesquisa foi realizar um levantamento de histórias contadas por contadores de Goiás, por outro, de posse dessas histórias e na mão de artistas, a semente criativa estava lançada. Os desafios relativos a criação artística envolvendo a linguagem da dança, do palhaço e da contação de história fomentaram os processos criativos propostos. Este artigo tem em vista refletir sobre os procedimentos e resultados alcançados pela pesquisa de linguagem cênica que integrou as linguagens artísticas citadas acima. O resultado artístico está composto por três espetáculos cênicos e que, atualmente, embora autônomos, vem sugerindo nova perspectiva integrativa, uma vez que tem sido apresentado nas escolas de Goiânia. Estas apresentações têm suscitado, por sua vez, questionamentos acerca de uma efetiva de intervenção artística na escola, contínua e integrada, objetivando constituir espaços de experiência estética, socialização e formação de público nas escolas.

Palavras chave: dança; palhaçaria; contação de história.

ABSTRACT

The purpose of this study is to show the final research product done by authors about Goiás stories and the creative process generated from this research. If for one side, research's goal was to accomplish a survey of stories that were told by tellers from Goiás, the other hand it has got these stories in artists' hands, the creative seed process came up. The challenges related to creative artistry involving the dance's language, clown and the stories' narration promoted the imaginative process proposed. This study proposes reflection about the proceeding and results achieved by scenic language research that integrated the artistic languages above pointed out. The artistry result is composed for three scenic spectacles, which at the moment, even though autonomous, they have been suggesting a new integrating perspective. It has been presented at schools in Goiania. These events have elicited, on the other hand, questions about the effectiveness artistic intervention at schools, continue and integrated with the objective to build out spaces of esthetics experience, socialization and training of public school.

Key words: Dancing, clowning, stories' narration

Desde 2010, este grupo de autores vem desenvolvendo uma pesquisa acerca das histórias orais coletadas em Goiás (Br). Esta pesquisa foi realizada conjuntamente com o curso de Dança da UFRN, Faculdade de Educação da UNICAMP e Escola de Música e Artes Cênicas e Faculdade de Educação

Física e Dança da UFG, no período de 2010 e 2012, subsidiada pelo Edital Pró Cultura, do Ministério da Educação e Ministério da Cultura, 2010/2011 (FIGUEIREDO & MACHADO, 2013).

Além dos relatos da pesquisa, estes pesquisadores optaram pela construção de objetos artísticos tendo como base as histórias pesquisadas. Com isto foram criados dois espetáculos, a saber, “Maria Grampinho” (2012), baseado no livro “O que teria na Trouxa de Maria?”, de Diane Valdez e “Era uma vez,...muitas coisas” (2012), baseada nas histórias goianas, de vários autores (alguns anônimos) recolhidas durante a pesquisa. Somou-se a eles, o espetáculo “Um dia, uma banana...” (2005)¹, de Maria Ângela De Ambrosis. Discorreremos sobre cada um dos espetáculos acima mencionados para traçar as possíveis discussões acerca dos processos criativos que os envolveram.

O universo das histórias de fábulas permeia a formação intelectual, imagética, social, cultural e política de uma sociedade. Os contos de fada, as canções infantis, as brincadeiras cantadas são expressões que permitem ao ser humano abstrair-se de seu mundo concreto para aquele da magia, mas tem suas regras e suas organizações peculiares. As histórias populares são parte importante das tradições que permeiam o tempo e o espaço das civilizações. Pautadas, às vezes, em fatos inventados e/ou em pequenas verdades do cotidiano, criam-se ambientes e possibilidade de criação e investigação.

A peça “Maria Grampinho” busca um caminho híbrido entre dança, teatro e a arte de contar histórias. Uma personagem real, mulher, negra, viveu na antiga Goiás Velho hoje Cidade de Goiás, era acolhida por algumas pessoas, dentre eles a poetiza Cora Coralina. Estes dois personagens femininos foram construídos por um ator e um bailarino, ambos intérpretes-criador e a ideia central foi pensar na contação de história como eixo gerador de criação.

Utilizamos como referência inicial, a ideia de bricolagem, ou seja, uma capacidade de detonar novas conjugações, deslocando partes, mudando lugares, destituindo tempos e construindo novos saberes. E esta ideia de bricolagem, pensando no campo da dança e do teatro, possibilitou-nos discutir os inúmeros e diferentes elementos que constituem os processos de criação. Possibilitou verificar a maturação e emersão de diferentes relações educativas e artísticas que surgem dos processos colaborativos e de interação humana.

Nesse sentido, pensamos o processo como um fazer-dizer do corpo como sugeriu Jussara Setenta (2008): uma dança inter-relacional, expressiva, crítica, contemporânea, mas, principalmente um olhar para a corporalidade como objeto de representação e imaginário.

“Um dia, uma banana...”, de Maria Ângela De Ambrosis, foi criado em 2005 como parte da pesquisa de doutorado realizada na PUC SP. Desde esta época, o espetáculo vem sendo apresentado em diversos lugares. Em 2010, o espetáculo ganhou uma nova composição cênica. Atualmente, circula pelas escolas de Goiânia – GO.

As perguntas orientaram os nossos caminhos no decorrer do processo de criação como: que imagens as histórias provocam? Como o corpo reage a elas e, portanto, cria uma dança que expresse o sentido e o percebido? Como o personagem nasce da história?

Entre as nossas percepções e sentidos, enredamos os saberes trazidos pelas diversas linguagens. Buscamos também desvelar o significado das experiências, a experiência de existência, do que se viveu com o corpo naquele momento. Portanto, o processo constituiu-se do mergulhar nas essências e nas

vivências o que nos possibilitou estas relações e redes poéticas e reflexivas (NOVAES, 1988).

Os processos de criação do espetáculo/performance “Maria Grampinho” assenta no âmbito da experiência-existencializada, que de acordo com Ferreira(2012) são componentes e estímulos plurais, simbióticos e que busca por outras significações para as coisas. Percebe-se que ser personagem não passa somente pelo processo de imitação como sugerido por Aristóteles em Arte Poética, mas são imbricamentos de vários tempos-espacos sugeridos pelo agora recapitulados e atualizados pela memória e pela capacidade de projeção que se dão primeiramente durante os processos de criação e se estendem para o presente, ou seja, nos momentos de atuação.

A personagem Maria Grampinho é constituída de fatos da pessoa que existiu, mas também, sustenta-se em muitas outras que existiram e existem como pessoas invisíveis, habitantes urbanos. “Maria Grampinho” nos permitiu estabelecer universos do indivíduo e do coletivo, das alusões dadas a sua loucura e da loucura posta sobre ela pelos moradores da cidade. É uma síntese entre tempos e entre espacos, fornecido pelas experiências do artista e do diretor, é uma bricolagem que transita entre vários mundos ao mesmo tempo: o da moradora de rua, a moradora da casa grande, os moradores da cidade e os outros moradores do mundo, perfazendo uma estrutura esquizofrênica do jogo em cena.

Já Cora Coralina (a narradora em terceira pessoa e a participante, em vários momentos, em primeira pessoa) estabelece seu universo senhoril, generosa, atenta, lúdica, se colocando como solidária a loucura e ao afrontamento da primeira personagem, criando daí um vínculo forte. Priorizamos a possibilidade de dizer sobre um passado apoiado pelo presente. Neste sentido, não foram apenas lembranças de um passado distante, mas, principalmente, a construção de um presente re-significado pela memória, pelas experiências e pelas individualidades.

“Era uma vez... muitas coisas” constitui um espetáculo de contação de história. Seu foco foram histórias de autores goianos sejam eles autores atuais com publicações ou apenas registro oral coletado por pesquisadores, entre eles, contadora de história, Nelli Gaspio cujo livro registra as histórias narradas por sua mãe (FIGUEIREDO & MACHADO, 2013). De início, a proposta de realizar um espetáculo de contação de história, consistiu em uma forma de incentivarmos nossos bolsistas¹ desenvolverem a prática artística a partir da pesquisa.

Para a constituição deste espetáculo realizamos procedimentos criativos diversos. Entre eles, destacamos o uso de recursos sonoros, o uso de animação de objetos do cotidiano (ou simplesmente composição cênica destes objetos na construção da cena) e procedimentos com foco na expressividade oral e corporal do ator. Vale ressaltar, o corpo constitui eixo de pesquisa e criação da cena. Assim, todos os procedimentos perpassavam pelo estudo e construção da presença cênica.

Entendemos que a presença cênica é parte integrante dos processos criativos bem como das apresentações. É o estado de presença que permite fluidez aos processos de criação. Esta mesma fluidez é necessária à

¹ Participaram desta pesquisa os estudantes Lorena Fonte e Luciano de Freitas, hoje formados e artistas atuantes na cena cultural goiana. Ainda hoje integram as ações deste grupo de autores.

apresentação, para que a mesma história contada da mesma forma pela milésima vez tenha o frescor de quando contada pela primeira vez. Com base em Heráclito (pensador grego) é sempre a primeira vez, já que nenhuma experiência se repete de forma igual. Compreendemos ainda que a presença cênica constitui um estado corporal que se constrói por meio da consciência do corpo e do movimento. Assim, nossos encontros vêm repletos de pesquisa de corpo e movimento baseados, sobretudo, na abordagem de educação somática Body Mind Centering². Estes procedimentos tiveram como objetivos investigar os modos como o corpo corporaliza as histórias, também como experimentação de modos possíveis para se contar uma história. Isto permitiu a identificação das escolhas estéticas associadas à história selecionada.

Em linhas gerais, realizamos estudos vinculados à estrutura narrativa com foco nas imagens que o texto fazia gerir em nossas percepções. Destas imagens a recontá-las, um mar de processos corpóreos e vocais se configuravam. A visualização de imagens compunha o eixo de pesquisa de referências e compreensões da história e estruturava a pesquisa dos recursos corpóreo/vocais: dinâmicas, intensidade, volumes, intencionalidades, configurando uma linha melódica da história e, a um só tempo, a composição cênica como uma estrutura harmônica para esta melodia. Interessante observar que, embora complexo, este processo se realiza para um ato singelo de contar uma história.

“Um dia, uma banana...”, embora constituído em 2005, integra a composição desta tríade de espetáculos, onde buscamos pesquisar as relações intersemióticas das linguagens da dança, da contação de história e do jogo do palhaço. Neste espetáculo, a palhaça Dra. Angelina é responsável pelo cuidado dos livros. A relação da palhaça com os livros estabelece o jogo poético da cena. Os livros, sua leitura, suas línguas e linguagens, sua relação com o leitor, sua infinidade de temas e mistérios, seu poder cognitivo e livro como simples objeto, enfim, os livros e suas provocações estéticas dão suporte ao jogo do palhaço.

Criado no período do doutorado (2005), os excessos de leituras e escritas foram eixo mobilizador à atriz e pesquisadora de desenvolver uma versão cômica de relação com os livros, com base na linguagem do palhaço. Na reformulação do espetáculo em 2010, esta versão constituiu a linha dramática do espetáculo. Dra. Angelina joga com as diversidades de processos receptivos que a leitura de livros proporciona. Como o palhaço é um personagem que responde corporalmente aos estímulos, no jogo de leitura de livro o que se vê em cena são algumas reações corporais provenientes da leitura.

Ler provoca imagens, como vimos e vemos nas histórias. O palhaço por sua espontaneidade, ingenuidade e inadequação revela modos possíveis de brincar com estas imagens e de como elas dinamizam o corpo e sua expressividade. De certa forma, o espetáculo “Um dia, uma banana...” apresenta o jogo do palhaço quando este lê livros. Assim, substancia a leitura de livros no que respeita a experiência estética que ela promove.

Embora constituam processos diversos e, portanto, constroem objetos artísticos específicos a cada processo, identificamos um fórum comum de processos: produzir entes, espaços, lugares que se conformam e se

² A prof. Dra. Maria Ângela De Ambrosis é Educadora do Movimento Somático, formada pela School of Body Mind Centering.

confrontam nas relações dialógicas e de interação entre o diretor e artistas e artistas e espectadores. Chamamos de entes aqui substratos que são vias de acesso e conexão entre o espaço interno que está presente tanto no artista quanto no espectador, o externo (que é o próprio artista e o próprio espectador) e o espaço do entre que promove um lugar de subjetivação dos envolvidos, que não é nem de um nem do outro, mas é o lugar de escambo das experiências de ambos.

Estes imbricamentos ganham outros diálogos com as outras camadas do tempo. As antigas histórias podem nos trazer pequenas magias, conflitos, poemas, lugares esquecidos, pessoas invisíveis e uma capacidade latente de acreditar na transgressão, na mobilização e na transformação. Como disse Mário Quintana (2002,p.15) em seu poema Magias “Os antigos retratos de parede não conseguem ficar por longo tempo abstratos. Às vezes, os seus olhos te fitam, obstinados. Porque eles nunca se desumanizam de todo.”

Referências:

FERREIRA, A. **Intérprete-Criador na Dança Contemporânea: um corpo polissêmico e co-autor**. Anais do II Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA. Comitê Produção de Discurso Crítico sobre Dança, julho, 2012.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

NOVAES, Aduino et al. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SETENTA, Jussara S. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Valéria Maria C de & MACHADO, Maria Ângela De A P. Contando Histórias, enlaçando memórias lugares e tempos. IN: Strazzacappa, Márcia (org). **Era uma vez uma história contada outra vez: educação, memória, imaginação e criação**. Campinas-SP: Librum editora, 2013.